

DOS CÍRCULOS DE CULTURA DE PAULO FREIRE AO TRABALHO DE TRADUÇÃO PROPOSTO POR BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS

Roberto Kittel Pohlmann

Universidade de Santa Cruz do Sul

Eixo 3 – Educação, Trabalho e Emancipação

A Educação Popular nasceu da busca por justiça pedagógica, da potência criativa para “libertar o homem (sic), mais do que, apenas, [...] ensiná-lo.” (BRANDÃO, 1989, p. 17). Da busca pelo método, *do como*, no seio da educação libertadora, “Lavadores do Nordeste foram os primeiros homens (sic) a viverem a experiência nova do ‘círculo de cultura’. Foram os primeiros a serem alfabetizados de dentro para fora, através do seu próprio trabalho”. (idem, p. 18). Freire descreveu dez situações, no livro *Pedagogia como prática da liberdade*, de modo a demonstrar como foram geradas as dezessete palavras que “constituíram o *currículum* dos Círculos de Cultura do estado do Rio e da Guanabara” (FREIRE, 2019, p. 161). As situações, embora refiram-se ao caso específico dos estados do Rio e da Guanabara, servem como começo, para quem busca, como eu, um currículo que tenha relação com a vida dos trabalhadores, afinal “os participantes do diálogo no círculo de cultura não são uma minoria de aristocratas dedicada à especulação, mas homens [sic] do povo” (WEFFORT in FREIRE, 2019, p. 13) A proposta, tal como descreve Freire, consistia em situações que gerariam as palavras primeiras que os trabalhadores aprenderiam a ler e escrever, com um princípio essencial: “a alfabetização e a conscientização jamais se separam”. (idem, p. 11)

Ao revisitar estas situações, proponho pensar a respeito da música, enquanto ação no mundo, carregada de sentido, com vista na construção de um currículo para que estudantes de uma escola do campo, sem instrução formal de música, se alfabetizem musicalmente. Trata-se da minha área de formação e da dimensão artística que me é mais presente, cuja significação, para mim, está junto de Murray Schaffer, que escreve que a música é uma “organização de sons (ritmo, melodia, etc.) com a intenção de ser ouvida” (SCHAFFER, 2011, p. 23). Ciente que “Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa” (FREIRE, 1989, p. 39), crio um paralelo de situações hipotéticas, inspiradas nas situações de Freire, como caminho de pensamento para que possa compreender a tarefa posterior, principalmente,

o trabalho de tradução, proposto por Boaventura de Souza Santos. Destaco que esta escrita é parte integrante de meu projeto de tese, de título *Educação Musical Ecológica: um trabalho de tradução da experiência da Escola Família Agrícola de Vale do Sol*, desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul.

A 1ª Situação apresentado por Freire, diz respeito ao *Homem [sic] no mundo e com o mundo. Natureza e Cultura*. Freire escreve: “Através do debate desta situação, em que se discute o homem [sic] como um ser de relações, se chega à distinção entre os dois mundos - o da natureza e o da cultura. Percebe-se a posição normal do homem [sic] como um ser no mundo e com o mundo.” (idem, p. 162). Aproximando da música, diria: - Estudantes, atentem, escutem atentamente o que nos cerca! Os sons que ouviremos em qualquer parte, imagino, salvo algum barulho de máquina, é natural, tal como o canto de um pássaro, que o emite como forma de comunicação. Depois de fruirmos e refletirmos a respeito do som *natural*, proporia que cantássemos uma canção conhecida pelos estudantes. Pretendo, por esta segunda ação, dialogar sobre o aspecto *cultural*, a música, a canção como forma, como organização de sons e silêncios enquanto comunicação humana e deleite. Ambos casos ocorrem no mundo e junto dele. Tendo ciência desta situação, nos ligamos diretamente à 2ª situação, ao *Diálogo mediado pela Natureza*. Freire faz desta segunda situação, “encontro entre consciências”

Motivado pela análise da mediação do mundo nesta comunicação. Do mundo transformado e humanizado pelo homem e humanizado pelo homem. Motivado à análise do fundamento amoroso, humilde, esperançoso, crítico e criador do diálogo. (FREIRE, 2019, p. 164).

Decorre deste diálogo a transformação do natural, o som e o silêncio, pelo homem e pela mulher e o princípio ético da não dominação, da não colonialidade do pensamento e da ação. Na prática, o que permite que eu me utilize de uma canção para propagar o extermínio da biodiversidade? Indo mais a fundo, perguntaria, qual a relação de uma canção e do agronegócio, por exemplo?

Das duas primeiras situações decorrem as duas próximas, segundo Freire, a 3ª e a 4ª. A terceira, do *Caçador iletrado*, tem por objetivo dialogar e aprofundar o que é da natureza e o que é da cultura. Pretendo tomar como aproximação: *eu e o violão*. O violão, neste caso, antes de ser violão, foi madeira, natural. Porém, quando transformado pelo artesão, com intuito de ser tocado para fazer música, torna-se tecnologia, cultura. Freire escreve: “Ao transferir não só o uso do instrumento, que funcionalizou, mas a incipiente

tecnologia de sua fabricação, às gerações mais jovens, fez educação” (idem, 166). O que se segue, no círculo de Freire, é a cultura iletrada, quando não se domina a técnica de escrever e ler. No caso do violão, sucede o mesmo, ou seja, quando compreendemos que os sujeitos são iletrados nesta técnica, ou seja, não lêem, não escrevem, não tocam, eles fazem cultura? A 4ª situação, a do *Caçador letrado* é a oposição a terceira, isso é, a do homem e da mulher que “por seu espírito criador, por seu trabalho, nas suas relações com o mundo” (idem, p.168), transformam-no, e “que esta transformação, contudo, só tem sentido uma vez que contribua para a humanização do homem” (idem, ibidem), uma vez mais, o princípio ético. Dito de outra forma, se um sujeito lê, escreve e toca, ele faz cultura? E essa cultura serve a quem ou a quem?

A 6ª é a reflexão que *O homem [sic] transforma a matéria da natureza com seu trabalho*. No caso de estudantes do campo, aproximaria a uma ação habitual: a poda, que se complementa com a 7ª situação, o *Jarro, produto do trabalho do homem [sic] sobre a matéria da natureza*. Quando se faz a poda, se faz apenas com propósito de maior produção de uma fruta, por exemplo? Com essa discussão se pretende retornar ao aspecto estético, posto em movimento já na primeira situação, e, no caso do Círculo relatado por Freire, à 8ª situação, a *poesia*, a dimensão estética, a análise da “cultura no nível da necessidade espiritual” (idem, p. 174).

Por fim, na 9ª situação se pretende verificar os *Padrões de Pensamento*, cujo objetivo é chegar a resistência e a mudança. Em muitos momentos como educador, após ouvir uma canção diferente das que estavam na moda, perguntava à turma: - Gostaram? Porquê? Busco, nessa situação, refletir sobre “a moda”, ou, o quanto uma canção tem relação com nossa vida, ou, não tem. O resultado do processo é a 10ª situação, os *Círculos de Cultura funcionando, síntese das discussões anteriores*. Segundo Freire:

Na medida em que, implicando todo este esforço de reflexão do homem sobre si e sobre o mundo em que e com que está, o faz descobrir ‘que o mundo é seu também, que o seu trabalho não é pena que paga por ser homem, mas um modo de amar - a ajudar o mundo a ser melhor’ (FREIRE, 2019, p. 181)

Sem dúvida, pelos círculos, especialmente em espaços constituídos historicamente por esta prática, acabaríamos por gerar temas que formariam o currículo da disciplina de música, abordando temas ligados à técnica, à estética, à cultura, à ética, entre outros. Mas, para este procedimento, é preciso traduzir a experiência, criar critérios para incluir ou excluir temas. Esbaramos, neste caso, em um problema circunstancial: Qual método de tradução da experiência eleger? Como destacado no início desta escrita,

os círculos de cultura nascem da experiência de trabalhadores, com a participação destes. Trazer para dentro do conhecimento científico as experiências e vivências de estudantes do campo é, sem dúvida, tarefa das epistemologias do *Sul*, logo, os Círculos de Cultura devem estar alinhados a um método de tradução próprio desta perspectiva, que, segundo Boaventura de Sousa Santos, trata-se da “experiência social do outro lado da linha, isto é, do Sul global, concebido como a metáfora do sofrimento humano sistêmico e injusto provocado pelo capitalismo global e pelo colonialismo”. (SOUSA SANTOS, 2007, p. 85).

Em outras palavras, cumpridos os encontros dialógicos, postos em movimento pelas concepções *suleadoreas* apresentadas, não se pode interpretá-los à luz das ciências sociais do *norte epistêmico*. Sousa Santos escreve que “para combater o desperdício da experiência social, não basta propor outro tipo de ciência social. Mais do que isso, é necessário propor um modelo diferente de racionalidade” (SOUSA SANTOS, 2022). Crítico da razão metonímica que é “incapaz de aceitar que a compreensão do mundo é muito mais que a compreensão ocidental do mundo”, (idem, p. 7) e da razão proléptica, que define como “monocultura do tempo linear”. (idem, p. 21), propõe a sociologia das ausências, a sociologia das emergências e o trabalho de tradução como estratégia teórico metodológica de análise, “um procedimento capaz de criar uma inteligibilidade mútua entre experiências possíveis e disponíveis sem destruir sua identidade” (idem, p. 4).

Assim, os círculos de cultura vão na direção que aponta Boaventura o que, por excelência, permite seguir aos procedimentos do trabalho de tradução, que “podem ser elucidados a partir das respostas às seguintes questões: O que traduzir? Entre quê? Quem traduz? Quando traduzir? Traduzir com que objetivos?” (SOUSA SANTOS, 2002, p. 38). De um modo resumido, da questão *o que traduzir?* atentaria para a experiência do diálogo de estudantes de uma escola do campo, o que mais foi dito, a recorrência e a história do lugar, da região. Quando propõe perguntar-se *entre quê?* Aqui há duas significações possíveis: as relações que se pode estabelecer na tradução, os comparativos; E as pessoas que traduzem, isso é, são todos/as estudantes, sem formação específica ou não? No caso de *quem traduz?* É preciso reconhecer nossos atavismos e descrever, tanto quanto possível, nossa própria história em relação a música. *Quando traduzir?* É tarefa dúbia também: refere-se ao momento destinado a tradução, isso é: porquê traduzir neste momento e não mais a frente, por exemplo?; Também pode se referir a disponibilidade para a tradução, ao tempo do pensamento. E, por fim, *traduzir com que objetivos?* O

fazemos na busca por um currículo de música que tenha relação com sua própria vida, atentando, inclusive, para o divergente e ressaltando-o.

Por fim, cômico que estas reflexões não se esgotam nestas poucas páginas, resta dizer que a tradução conjunta também está no horizonte, como prática. Algum(a) desavisado/a poderá concluir que a tarefa do educador será extinta, pois os estudantes poderiam bem se ensinar, traduzir-se. Dir-lhe-ia, sem titubear: - A prática última já acontece, faz muito. Ocorre que a tarefa do educador, tanto nos círculos quanto no trabalho de tradução, difere das epistemologias do *norte*, para as quais há hierarquia de experiência e saberes. O sujeito, o educador do *sul*, responsável por conduzir os processos destacados, não deve trabalhar na perspectiva da dependência de seus ensinamentos, mas na ética da educação como prática da liberdade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Popular; Círculos de Cultura; Tradução de Boaventura de Sousa Santos; Método Paulo Freire; Educação Musical Ecológica.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Método Paulo Freire**. São Paulo: Primeiros Passos, 1989.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

SANTOS. Boaventura de Sousa. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. 2002. Disponível em <https://www.ces.uc.pt/bss/documentos/sociologia_das_ausencias.pdf> Acesso em 30 de out. de 2022.

_____. (2007). **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. Novos estudos CEBRAP, São Paulo, 2007. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrgc/?lang=pt>> Acessado em 12 jan. 2022.

SCHAFFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.